



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023**

### **ANTAGONISMO E VIOLÊNCIA: FORMAS REVOLUCIONÁRIAS DE EMANCIPAÇÃO E LUTA ENTRE RAQUEL GUTIÉRREZ E FRANTZ FANON**

**Anna Carolina Penha Cutrim<sup>1</sup>; Laurenio Leite Sombra<sup>2</sup>**

1. Bolsista Fapesb, graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: annacarolina.cutrim@gmail.com
2. Laurenio Leite Sombra, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: llsombra@uefs.br

**PALAVRAS-CHAVE:** Antagonismo; Violência; Emancipação social

#### **INTRODUÇÃO**

A colonização da América analisada sob o ponto de vista de Anibal Quijano (2005) assinala a marcação de uma dualidade em que o branco europeu se põe como referência universal em relação ao restante do mundo. Esse cenário ocasionou uma nova “relação de poder”, alcançando as dimensões econômica, identitária e epistemológica. É com essa formulação que Quijano (2005) aponta as consequências do maior processo de dominação e barbárie da história, pois essas três dimensões agem concomitantemente, gerando todo processo de enriquecimento ocidental, consolidando a distinção entre raças e fortalecendo a compreensão de um mundo de dualidades: sujeito-objeto, cultura-natureza, mente-corpo (SOMBRA, 2016).

É possível imaginar que a partir desse marcador separatista um cenário de tensão se forma e põe em evidência noções diversas sobre o conceito de diferença que darão forma às dualidades estranhadas, emergidas na modernidade-colonialidade. Como o contexto da colonização afetou os povos colonizados através da inserção de novos signos e novas práticas dissonantes das diversas culturas, foram atribuídas identidades aos novos grupos sociais, inserindo-as em uma outra categoria (SOMBRA, 2016).

As várias formas de resistência a este processo, assim como as lutas revolucionárias para superá-lo, motivaram diversas formas de rebelião. Frantz Fanon (1961, 2020) viveu diretamente uma delas, a revolução argelina, e teorizou o significado da violência nesse contexto. Por outro lado, a pensadora mexicana Raquel Gutiérrez (2008, 2016, 2017) também participou de revoltas na Bolívia desde os anos 90, que culminaram nas grandes mobilizações de 2000 a 2005.

As inquietações levantadas nortearam a elaboração desta pesquisa na tentativa de compreender sobre os modos de enfrentamento e resistência como estratégia de participação coletiva. Para além disso, buscou-se aprofundar a investigação sobre formas políticas emancipatórias em uma ideia de modernidade-colonialidade, sobretudo em análise às relações antagônicas que se apresentam a partir das transformações objetivas do modo de produção capitalista.

## **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Este trabalho tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica e conceitual acerca das formas de antagonismo e violência presentes em nossa sociedade, mas visa, sobretudo, refletir as maneiras de utilizá-la como ferramenta de emancipação do capitalismo, a partir das discussões provocadas por Raquel Gutiérrez e Frantz Fanon. As bases bibliográficas desta pesquisa examinam conceitos basilares para a análise e debate do conceito de antagonismo, especialmente voltado à emancipação social – em termos de um horizonte popular-comunitário (GUTIÉRREZ, 2017) de mudanças políticas e sociais, e do modelo de violência revolucionária como dispositivo de libertação anticolonial (FANON, 1961, 2020). Para alcançar os objetivos deste trabalho foram realizados comentários, fichamentos e resumos para análise e discussão dos conceitos a fim de dar corpo à investigação central.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

O movimento que organizou a trajetória política de Gutiérrez nos concede uma importante reflexão sobre a costumeira divisão entre teoria e prática. A filósofa mexicana assinala que teoria-prática são como uma coisa só, uma unidade semelhante a uma espiral de acontecimentos. Não existe, portanto, uma teoria ou prática “pura”, o esforço que fazemos é auto reflexivo, visto que retomamos à realidade ao mesmo tempo que participamos dela para situar os problemas e impulsionar a ação coletiva em busca de uma solução e resistência (ALVES; PITA, 2020).

Assim, analisando a prática emancipatória, o primeiro aspecto que a pensadora mexicana destaca é considerar “a sociedade como um mosaico dinâmico de *antagonismos* sobrepostos [...], é colocar o centro das atenções na luta” (GUTIÉRREZ, 2017, p. 23). Para ela a contradição faz parte da dinâmica social e coloca em perspectiva a relação dos sujeitos com os efeitos causados pelo trabalho objetivado do capitalismo. Raquel Gutiérrez (2016) sustenta que essa relação tem grande impacto no corpo e mente de cada sujeito, pois limita suas capacidades de fazer, criar e pensar, os alienando de suas próprias habilidades. O segundo aspecto necessário considera as *instabilidades* da luta social. Os efeitos causados pelo trabalho objetivado consomem e tensionam o corpo social já dilacerado pela exploração e subordinação. Uma terceira característica destacada por Gutiérrez (2017, p. 27) é a noção de *horizonte interior* para a construção de luta no movimento social, remetendo “aos conteúdos mais íntimos das propostas daqueles que lutam, compreendendo-os em sua difícil emergência”. Em *Horizontes comunitário-populares* a filósofa reforça que o desdobramento da luta é circunstancial, tomando um caráter mais espontâneo. Por isso, aposta na gestão das instabilidades na medida que se apreendem as contradições que surgem durante o processo. Com essa análise, a filósofa sustenta a ideia de gerenciar as instabilidades e contradições que ocorrem na dinâmica própria do antagonismo social, principalmente quando o que está em disputa são as relações cooptadas pela sociedade industrial e neoliberal.

O pensamento fanoniano apresenta reflexões teóricas e ideológicas revolucionárias que se atualizam ainda hoje, dada a urgência de enfrentamento que ressoa no sofrimento psíquico dos indivíduos marcado pelo racismo, desigualdade, barbárie e apagamento da subjetividade causados pelo colonialismo. Em análise do conceito de violência, o

pensamento fanoniano utiliza essa categoria como demonstração das relações antagônicas provocadas pelo colonialismo. Nesse sentido, Fanon (1961), analisa os efeitos que a política colonialista exerce no corpo dos colonizados, criando uma atmosfera de submissão e inibição, sendo apresentados como povos ideologicamente atrasados em sua evolução, necessitando de um poder externo que os governe. Dessa maneira, o colonizado é formado pelos valores morais europeus pondo ênfase na honestidade e lealdade pelos anos de trabalho, sendo convocado a formas estéticas de respeito que mitigam qualquer tipo de questionamento à ordem ou movimentos de luta (FANON, 1961). O destaque que Fanon (2020b) faz sobre a universalidade do branco europeu e o não reconhecimento de humanidade das sociedades autóctones não é sobre o sentimento de inferioridade ou ressentimento pelo qual o colonizado deseja alcançar os valores do branco, mas o sentimento de inexistência que, nas relações de produção do capitalismo, suscita um apagamento dos signos culturais que a barbárie colonial gerou. Em suma, a criação do significante racial rebaixando o colonizado de sua natureza humana, a exploração cultural sistemática, a divisão do mundo entre brancos e não brancos e toda estrutura violenta que moldou o mundo colonial penetraram na realidade psíquica dos sujeitos inventados pela modernidade, formando uma atmosfera de violência.

Assim, o conceito de *violência atmosférica* aparece como efeito da violência colonial. Localizada à flor da pele é ela que tensiona e impõe ao colonizado uma forma de existir universal que somente o branco/europeu alcança (LOPES; TONELLI; OLIVEIRA, 2022). Nessas circunstâncias, dado que a violência é causa e consequência da política colonialista, Fanon (1961; 2020a) apresenta a categoria da violência também como forma de emancipação, uma ação em última instância, não como justificativa e nem como um fim em si, mas como manifestação legítima e indispensável para a descolonização. A aposta fanoniana é de se utilizar da violência atmosférica como ferramenta de conscientização, ressignificá-la e revertê-la em forma de luta, usá-la de modo mais organizado e coletivo. Sua prática é totalizadora no sentido que o povo se unifica, a nação se reconhece entre si e se mobiliza numa direção comum, isto é, a violência revolucionária convida o povo a lutar primeiro contra a opressão colonial, ela mobiliza as massas e introduz em cada consciência um sentido único para uma história coletiva. Somente após a libertação colonial, as lutas contra o subdesenvolvimento, fome, cidadania etc. ganham maior protagonismo e a luta permanece. Enquanto se discute essas pautas no período colonial, segue-se o plano reformista da burguesia. De acordo com Fanon (1961, p. 92), com a mente “iluminada pela violência” o colonizado consegue se aliviar das condições sub-humanas e mantém-se advertido de discursos oportunistas, contando e criando a própria história.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

Ao percorrer as produções teórico-práticas feitas por Raquel Gutiérrez e Frantz Fanon, a investigação nos possibilitou compreender como o antagonismo se mostra em desdobramento dos movimentos de resistência.

Raquel Gutiérrez apresenta a ação coletiva como aquela que se propõe a mudar a ordem dominante a partir da manutenção e construção de um horizonte comum. Como compreende a sociedade como um mosaico dinâmico de antagonismos, aposta em uma nova forma de organização social que inverta os valores impostos pela ordem capitalista,

de modo que os membros de uma determina comunidade/localidade estejam dispostos a abdicar dos “modelos sociais prontos” e possam se autorregular de forma autônoma, gerenciando as instabilidades a partir da própria realidade.

Na obra de Fanon, o tema da violência é apresentado primeiramente como forma política do sistema colonial. O filósofo assinala que todo cerceamento provocado pelo colonialismo resultou em efeitos degradantes nos colonizados, ocasionando não apenas desigualdade sócio-econômica, mas também efeitos psíquicos e epistemológicos, provocando o efeito subjetivo da reificação. Fanon nomeia *violência atmosférica* a essa violência subjacente, que potencializa a sua efetivação mesmo quando ela não se materializa, para enfatizar que a partir dela toda estrutura social foi modificada, produzindo identidades fixas que compartimentalizam o mundo. Assim, a violência também é para Fanon disputa de consciência. Para o filósofo, ao mesmo tempo que a violência atmosférica empobrece a percepção subjetiva através da racialização, ela também se apresenta como práxis quando unifica e mobiliza as massas, possibilitando a reconstrução da própria história.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, June Alfred Melo Alves; PITA, Flávia Almeida. Uma epistemologia da transformação social desde baixo e no feminino. *Poiesis*, v. 23, n. 2, 2021.
- FANON, Frantz. Por qué usamos la violencia. In: FRANTZ, Fanon. *Escritos políticos*. Tradução de Leandro Sánchez Marín. Medellín: Ennegativo Ediciones, 2020a, p. 173-180.
- FANON, Frantz. A experiência vivida do negro. In: FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020b, p. 127-154.
- FANON, Frantz. A violência. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Ulisseia limitada, 1961, p. 30-92.
- FAUSTINO, Deivison Mendes. Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. Comunicação apresentada no II Colóquio Internacional sobre Sartre: Interseccionalidades na compreensão do sujeito contemporâneo (30/09/2019-02/10/2019).
- GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. Prefácio. In: GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. *Los Ritmos del Pachakuti: Movilización y levantamiento popular-indígena em Bolivia (2000-2005)* Buenos Aires: Tinta Limón, 2008, p. 13-55.
- GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. ¿Y ahora qué? In: GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. *¡A Desordenar! Por uma historia aberta de la lucha social*. Buenos Aires: Tinta Limón; México: Pez em el árbol, 2016. p. 133-166.
- GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. Insubordinación, antagonismo y lucha em América Latina. In: GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. *Horizontes comunitário-populares: producción de lo común más allá de las políticas estado-céntricas*. Madri: Traficante de Sueños, 2017. p. 17-40.
- GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. Políticas en femenino: transformaciones y subversiones no centradas en el estado. In: GUTIÉRREZ AGUILAR, Raquel. *Horizontes comunitário-populares: producción de lo común más allá de las políticas estado-céntricas*. Madri: Traficante de Sueños, 2017. p. 67-88.
- LENIN, Vladimir. Os métodos artesanais dos economistas e a organização do revolucionários. In: LENIN, Vladimir. *O que fazer?* [S.I.]: Marxist Internet Archive. 1902, p. 53 – 81. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/index.htm>. Acesso em: 03 dez. 2022.

LOPES, Fabrício Ricardo; TONELLI, Maria Juaracy Filgueiras; OLIVEIRA, João Manuel de. O conceito de Violência Atmosférica em Fanon: contribuições aos estudos de gênero. *Estudo e Pesquisas em Psicologia*, v. 22, n. spe, p. 1518-1538, 2022.

MARX, Karl. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: MARX, Karl. *Manuscrítos econômicos filosóficos*. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2014.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SOMBRA, Laurenio Leite. Diferença colonial e antagonismo: investigando a alteridade da América Latina. In: *Hendu*, Agosto, 2016, p.132-143.

SOMBRA, Laurenio Leite. Rede de sentidos e antagonismos: reconstruindo os fios. *Revista Ideação. Dossiê Especial NEF*, 2020.